

O SENHOR DO MUNDO: UM CONVITE À LEITURA

Raúl Cesar Gouveia Fernandes
Professor do Centro Universitário da FEI

Imensas máquinas voadoras cruzam o céu, transportando centenas de passageiros; embaixo, iluminados por luz solar artificial, habitantes das metrópoles vivem em moradias subterrâneas, construídas para contornar a falta de espaço na superfície. Painéis elétricos divulgam ao redor do planeta as principais notícias do dia. O mundo está dividido em apenas três grandes blocos políticos; os países do Velho Mundo, reunidos sob um Parlamento Europeu, buscam saída para o iminente conflito com o Oriente, que se prenuncia catastrófico.

Tal é o cenário com que nos deparamos nas primeiras páginas de *O Senhor do Mundo*, intrigante livro de ficção científica publicado em 1907, que projeta os acontecimentos para cerca de cem anos no futuro – ou seja, para nossos dias. Trata-se de obra originalíssima, que precede em várias décadas os maiores clássicos do gênero, como o *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley (1931), e *1984*, de George Orwell (1948), com os quais apresenta notável afinidade. Mas, além de figurar entre os precursores da ficção científica, *O Senhor do Mundo* também surpreende pelo fato de ter sido redigido por Robert Hugh Benson, sacerdote inglês mais conhecido no Brasil por obras espirituais e apologéticas, como *A Amizade com Cristo* e *Paradoxos do Cristianismo*, esta última já resenhada em *Passos*.

É inevitável a pergunta: por que Benson arriscaria sua reputação em obra de ficção científica, sobretudo numa época em que o gênero ainda estava longe de se consolidar? No início do século XX, romances baseados em previsões sobre o futuro seriam provavelmente associados ao campo do entretenimento ameno e imaginoso, já ocupado com maestria por Júlio Verne. O que faria um padre visitar esta seara?

A bem da verdade, apesar de ser por muitos rotulado como texto de ficção científica, *O Senhor do Mundo* não se ocupa prioritariamente de avanços tecnológicos. Embora dê largas à imaginação, descrevendo com riqueza de detalhes alguns inventos revolucionários para a época, Benson é movido por outros interesses: em suas próprias palavras, a intenção da obra é apresentar o resultado trágico, mas previsível, do desenvolvimento lógico de algumas tendências culturais, religiosas e políticas profundamente anticristãs que começavam a lançar raízes na época. E o fato de que tais correntes sejam hoje ainda mais manifestas do que no momento em que o livro foi escrito só confirma o acerto de seu diagnóstico.

Pensamento único

A primeira característica que salta à vista no mundo criado por Benson é a forte presença de um pensamento único que se impõe de maneira sutil, porém eficaz, à consciência de todos. Resultado da convergência de influxos variados – o autor rastreia suas origens entre o materialismo marxista e a maçonaria –, este ideário aparentemente difuso se consubstancia numa verdadeira doutrina que, assumindo ares de nova religião universal, não tolera dissenso.

Segundo tal princípio, apelidado de *humanitarismo* na obra, a libertação do homem seria resultado do abandono das antigas superstições (credos ou religiões) que impediam o progresso social e científico dos povos. Em seu lugar deveria emergir nova espécie de panteísmo, traduzido no culto à própria humanidade.

Entretanto, sendo que a humanidade assim concebida não passa de uma abstração desencarnada, tais premissas acabam por justificar a submissão da pessoa concreta aos imperativos da coletividade – imperativos, de resto, sempre definidos pelos poderosos de plantão. Fecha-se o círculo, portanto, e o engodo fica patente: a negação da transcendência e a divinização do homem, fatores que deveriam emancipá-lo da sujeição a um Deus dominador, redundam na sua escravização.

Como nos dias de hoje, o pensamento único descrito por Benson promove curiosa aliança entre o mais agudo relativismo (pois, em síntese, todos os princípios devem ser submetidos ao escrutínio da maioria) e a feroz intransigência contra tudo que escape ao consenso. Sob o manto do suave discurso da tolerância, com efeito, esconde-se frequentemente uma vigorosa resistência a qualquer certeza. Num mundo assim, a última voz que resiste à homologação, o único inimigo a ser combatido é o cristianismo.

Novas perseguições

Desenvolvendo tais pressupostos até as últimas consequências, *O Senhor do Mundo* pinta um quadro assustador – mas não inverossímil, convém sublinhar – em que os cristãos, reduzidos a pequena e tímida minoria, voltam a ser perseguidos. A situação lembra a dos primórdios de nossa era, mas com um agravante: numa sociedade dotada de modernos recursos tecnológicos, o combate aos opositores pode ser conduzido de forma tremendamente eficaz. De fato, na história de Benson os líderes mundiais não hesitam em lançar mão de métodos militares ainda inéditos antes da Primeira Guerra Mundial, quando o livro foi escrito, mas tornados tragicamente habituais desde a Segunda Guerra, a fim de perseguir seu intento. E ao cabo, como não poderia deixar de ser, saem vitoriosos: a Igreja e seus últimos fiéis são virtualmente exterminados.

Chegamos, assim, ao tema central da obra: *O Senhor do Mundo* é um romance sobre o fim dos tempos. Essenciais, a fim de bem compreender este aspecto, são as chaves de leitura que o leitor atento encontrará no prólogo do livro, mas sobretudo o seu denso e enigmático capítulo final. Fortemente calcado nos relatos bíblicos do Apocalipse, o desfecho se presta a diferentes leituras e convida à revisão de toda interpretação literal que pode ser dada aos títulos das três partes que compõem o texto: “O Advento”, “O Encontro” e “A Vitória”.

Não cabe empreender aqui o exame da dimensão teológica do livro, pois isto fugiria à competência de quem escreve. Convém apenas observar que, não obstante *O Senhor do Mundo* já ter sido descrito como obra de teologia romanceada, trata-se de texto ágil, que prende a atenção do leitor desde o início e passa ao largo de qualquer didatismo modorrento.

Uma polêmica “história do futuro”

O prólogo do livro traça o percurso entre 1907, momento em que a obra foi redigida, e o início do século XXI, período em que se passa a história. Ao escrever esta espécie de “história do futuro”, Benson não se furtou a polêmicas, disparando acusações – politicamente incorretíssimas, e sempre incômodas para a sensibilidade atual – contra todos os que considerava responsáveis por favorecer as sementes do que ele chamou de “modernismo”. O alvo de algumas críticas será facilmente identificável pelo leitor brasileiro de hoje: é o caso do então recém-fundado Partido Trabalhista britânico, objeto de comentários pouco elogiosos do autor; outros nomes não devem ser reconhecidos com a mesma facilidade, como o do jovem socialista francês Gustav Hervé, acerca do qual Benson previu acertadamente a radicalização na velhice.

O desassombro do autor levou-o até mesmo a antever a dissolução da Igreja Anglicana (bem como de todas demais denominações protestantes), de modo que os cristãos remanescentes voltariam a se reunir sob a autoridade de Roma. Para além do evidente espanto que semelhante sugestão deve ter causado na Inglaterra vitoriana do início do século, não custa lembrar que o próprio Benson havia se convertido ao catolicismo poucos anos antes, em 1903 – fato de largo alcance, inclusive porque seu pai ocupara até 1896 o posto de Arcebispo de Cantuária, cabeça da Igreja Anglicana.

Obviamente, muitas “previsões” do autor não se concretizaram; ainda assim, certos comentários deste surpreendente prólogo soam hoje quase proféticos. É o caso, por exemplo, das explicações sobre o fim das universidades, que teria ocorrido ainda na década de 1940: quando o objetivo da educação passou a ser apenas a “produção de algo visível” (p. 19), e portanto mensurável e prático, diz um dos personagens, as universidades perderam a razão de ser. Como não reconhecer a pertinência deste alerta num tempo como nosso, em que a formação universitária parece cada vez mais reduzida a mero adestramento profissional com vistas às exigências do mercado de trabalho, e em que as instituições de ensino superior são submetidas a crescente pressão por “resultados” (leia-se quantidade de artigos e publicações científicas), o que em muitos casos faz com que os próprios docentes esqueçam que sua tarefa primordial é de natureza educativa?

O drama da liberdade

O Senhor do Mundo é, portanto, um livro radical, que não faz concessões: trata-se de obra desconcertante, cuja leitura provocará admiração ou repúdio, mas nunca indiferença. Se sua contundência compele o leitor a tomar consciência de seus próprios juízos e ideias, algo similar acontece com os personagens, que também são obrigados a tomar partido diante das questões cruciais da existência. Com efeito, em quadra tão decisiva como a retratada no romance (não percamos de vista o caráter escatológico da obra), “os segredos dos corações serão revelados”, isto é, as decisões mais sutis da liberdade pessoal forçosamente virão à tona.

Ao recorrer a tais extremos, o autor desejava sublinhar a emergência – já evidente em 1907, e ainda mais hoje – do confronto entre a mentalidade comum e a tradição cristã. Neste contexto, adverte Benson, não há espaço para neutralidades cômodas, principalmente por parte dos que continuam a se declarar cristãos, mas que,

na prática, não têm consciência desse conflito ou de seu próprio papel enquanto protagonistas da história. Por isso, revelando dotes de romancista, o autor baseia o desenrolar da narrativa sobre o contraste entre pares de personagens, de modo a evidenciar que o drama da liberdade nunca é anulado, mesmo sob circunstâncias fortemente opressivas.

A primeira dupla é formada por dois sacerdotes. Um deles é Percy Franklin, o verdadeiro protagonista da história: apesar das dúvidas que o acometem em mais de uma ocasião, ele permanecerá fiel ao encontro com Cristo até o fim. Já Pe. Francis, seu colega, vive uma crise de fé que o faz abandonar a Igreja em busca de algo mais palpável; embora sobreviva nele certa necessidade de prestar culto a algo superior, essa exigência é reduzida à dimensão puramente cerimonial e posta a serviço dos novos donos do poder.

Oliver Brand, promissor político inglês, e Mabel, sua companheira, representam outro par importante na obra. Ambos partilham o genuíno entusiasmo pelo ideal da Nova Humanidade e a mesma rejeição à antiga religiosidade. Quando as contradições da ideologia dominante despontam, porém, Oliver aceita as convenientes justificativas oficiais a fim de não abdicar do poder recém-conquistado, ao passo que Mabel conserva uma espécie de simplicidade de espírito, cujo resultado é a abertura a um Deus desconhecido, mas pressentido como real.

Por fim, a dupla mais importante do livro é composta pelo já mencionado Percy Franklin e por Julian Felsenburgh, o artífice do acordo de paz com o Oriente, personagem que representa a encarnação dos ideais do humanitarismo. Aclamado como líder mundial por multidões delirantes, este misterioso político norte-americano passa a ser venerado como o messias que guiaria a humanidade rumo a uma nova ordem mundial. É ele também o responsável pela campanha de hostilidade contra a Igreja, justificando com habilidade o uso crescente da violência até o que parece ser a vitória final contra o cristianismo.

Há, contudo, um traço que liga o sacerdote ao tirano. A sintomática semelhança física entre dois, mais que um mero detalhe, é sinal do parentesco existente entre o humanitarismo e os velhos preceitos cristãos. De fato, o novo credo erigido por Felsenburgh apresenta-se como a realização terrena das promessas de paz, harmonia e felicidade, incorporando numerosos termos e conceitos originalmente cristãos – cuidadosamente despojados, porém, de todo nexos transcendente.

Tentação atual

Reside aqui, segundo cremos, o aspecto mais relevante e atual da obra. O humanitarismo ateu retratado por Benson apresenta, efetivamente, face generosa e sedutora: a promoção da paz entre os povos, a exaltação do homem, a filantropia e a tolerância às diferenças são, pelo menos na aparência, matérias com as quais todos devem estar de acordo. Sua enganosa semelhança com valores religiosos pode, contudo, borrar as fronteiras entre fé e ideologia, fazendo com que muitos – a começar pelos próprios cristãos – assimilem uma à outra.

O resultado disso é bem conhecido por todos nós: a experiência religiosa passa a ser vivida como mera adesão a uma doutrina ou, o que é mais comum, como sinônimo de um elenco de preceitos morais a serem observados. E Benson demonstra que ao final do processo, ironicamente, até mesmo os valores em nome dos quais a fé foi esvaziada tornam-se irreconhecíveis: paz e tolerância não se conquistam por meio da uniformização de ideias; caridade não é o mesmo que filantropia; o verdadeiro humanismo não pode negar que o homem é relacionamento com o infinito.

Com efeito, a tentação de ceder a uma ideologia “ilustrada” e “progressista” é tanto mais forte quanto mais ela se assemelha ao cristianismo. Neste caso, buscar-se-ia preservar a beleza da mensagem evangélica (o ideal de fraternidade universal, por exemplo), depurando-a de seus aspectos incômodos (as referências à radical insuficiência do homem, ao pecado etc.), construindo, em suma, um cristianismo sem Cristo.

Recentemente o Papa Francisco aludiu a tal risco, fazendo inclusive referência ao romance de Benson (sim: também ele leu *O Senhor do Mundo!*). Em meditação sobre passagem do Antigo Testamento que apresenta flagrante analogia com o livro aqui comentado, o Papa criticou a “globalização da uniformidade hegemônica” e o “pensamento único” que levam não poucos a renunciar à identidade cristã a fim de comungar dos ideais comuns, por receio de se sentirem isolados e incompreendidos¹.

Para além de dimensão escatológica – tema propositalmente não abordado aqui, mas nem por isso menos importante na obra –, *O Senhor do Mundo* é um livro provocativo, cuja leitura faz refletir sobre o sentido da presença cristã na história. Mais do que apenas apontar os desvios da mentalidade dominante (como seria possível imaginar numa leitura meramente ideológica ou política do texto), a obra nos convida a depositar a esperança em Cristo. Pois, mesmo num mundo em que tudo parece negá-lo, é Ele próprio que vem ao nosso encontro – e é esta vitória final que constitui o verdadeiro tema do romance.

¹ Trata-se de meditação na Capela Santa Marta, em 18 de novembro de 2013, resumida pela edição do *Osservatore Romano* do dia seguinte (http://www.vatican.va/holy_father/francesco/cotidie/2013/it/papa-francesco-cotidie_20131118_fedelta-non-negoziabile_it.html). O trecho que motivou a reflexão (I Mac, 1, 10-15; 41-43; 54-57; 62-64) também vale a pena ser lido.